

# Digressões psicopatológicas sobre os primogénitos ou o mito de Esaú (\*)

JOSÉ CARLOS COELHO ROSA (\*\*)

«Ninguém sabe quando nasce, para o que nasce uma pessoa» – assim reza um fado – **Sabe-se lá!** – que a voz de Amália Rodrigues celebrou.

Ninguém conhece o seu fado, o seu destino. E ainda bem!... Já que o impossível não é possível e só se pode ir fazendo o que não está feito. De facto, cada um vai construindo o seu destino e, à partida, não pode saber quais vão ser as voltas que vai dar e as soluções que vai adoptar perante circunstâncias tão diversas como a família em que nasce, o lugar na fratria, a região geográfica e a classe económica e social em que se vai desenvolver. Enfim, o próprio desenrolar da relação primária não é conhecido, à partida.

O *fado* de cada um é, pois, em boa medida, uma grande *desgarrada* em que o tema e as rimas vão sendo encontradas no momento, dependendo fundamentalmente da inspiração conseguida na ocasião, mas também dos conteúdos que vão surgindo a partir dos outros elementos intervenientes, dos *fados* que vão sendo desenhados por todos os que interagem.

Contudo, há rimas e conteúdos mais frequen-

tes em cada *fadista*, ocorrendo frequentemente até mudanças de ritmo ou de tonalidade, conforme o autor, complexificando a *desgarrada* que se vai transformando numa *rapsódia*, quantas vezes aparecendo elementos novos que, na sua origem, são tomados até por desafinações.

Muitas vezes, essas inflexões tonais e melódicas são até adoptadas por outros e assim vão surgindo elementos novos que, de tempos a tempos, vão recaindo nos primitivos ou se desenvolvem, constituindo-se numa nova base de continuação do jogo.

O que é espantoso, porém, é que certos temas, rimas e tendências tonais apareçam com frequência em *fadistas* que nada têm a ver uns com os outros e que inopinadamente vão entrando na *desgarrada*, fazendo muitas vezes voltar atrás, ao já dito, àquilo que parecia já esgotado.

Com efeito, se os indivíduos são de uma diversidade riquíssima nas suas manifestações, há qualquer coisa de não individual e extremamente conservador que persiste em aparecer e tentar impor-se, como que a limitar os arrojados criativos e a capacidade de mudança. A esse *qualquer coisa* chamamos instituições e são de cariz cultural.

Uma imagem caricatural bastante feliz desta situação, encontramos-na na peça de teatro *Um Sonho* de Strindberg, quando põe um actor a dizer que passou a vida a estudar a tabuada e a

---

(\*) Conferência apresentada na Sociedade Portuguesa de Psicologia Clínica, em 3 de Julho de 1998.

(\*\*) Psicólogo e Psicanalista.

aritmética para poder ser professor e ensinar a tabuada e a aritmética que aprendeu.

Aprendizagem sem reflexão, afirmação sem porquê, armazenamento de bens sem finalidade, como se de um sótão se tratasse onde se guardam coisas velhas que, à falta de melhor aproveitamento, se vão transformando em lixo até um dia poder ser revisitado e se fazer aí a triagem entre o que é de recuperar ou, definitivamente, de deitar fora.

«*Tudo começou com os meus bisavós maternos, quando foram para África*» – assim me falava um analisando abandonado quando, há muitos anos, iniciou comigo uma visita ao seu sótão.

De geração em geração, desde os bisavós até ele, todos os primogénitos iam para África onde tinham vários filhos que iam sendo enviados para a «Terra-mãe», ficando sempre o primogénito com os pais e que era, por sua vez, enviado também algum tempo antes do regresso definitivo destes. Por sua vez, esse primogénito, quando chegava aos vinte e alguns anos, casava, e ia para África e repetia os movimentos da história.

Quem criava os filhos eram, portanto, os avós que «compreendiam» bem a situação porque já tinham passado pelo mesmo e, por isso, tratavam os netos com a mesma rudeza, brutalidade e incompreensão com que tinham sido tratados e «compreendidos».

A história não se repete, mas os movimentos históricos são os mesmos, como se de uma física se tratasse e o modelo físico fosse único no Universo. No fundo, até a psicologia lhe obedece, só que as forças em presença são outras.

Todo o Universo é dinâmico e obedece a leis dinâmicas. A relação das forças entre si é que é diferente e, às vezes, depende de uma simples visita a um sótão.

Com este meu analisando, ocorreu que, com essa visita curiosa e crítica, se quebrou uma cadeia repetitiva de movimentos histórico-familiares, terminando desse jeito também uma sucessão de situações abandonadas. Mais! Deu-se mais um passo no sentido da liberdade, já que estes movimentos repetitivos se fundavam numa tripla dimensão compulsivamente repetida:

1ª - Tentativa de compreensão dos sentimentos abandonados.

2ª - Tentativa de desculpabilização dos pais

abandonantes, repetindo o seu comportamento e procurando preservá-los, assim da sua raiva.

3ª - Tentativa de repor a justiça, fazendo deslocar para os filhos o seu desejo de vingança originariamente dirigido aos pais.

Estas três dimensões são, em grande parte, inconscientes pois que resultam de sentimentos muito precocemente reprimidos e desligados das situações originais. No entanto, os afectos continuam a fazer-se sentir, apesar de desligados.

É quase sempre perante a semi-consciência da terceira dimensão que um *fadista* resolve visitar o sótão, frequentemente ao fim de várias gerações especialistas no mesmo *fado*, ainda que dando-lhe *requebros* e *voltinhas* muito próprias.

Isto, aliás, não é de espantar se pensarmos o tempo que demoram as mudanças desde a constatação de um facto até à sua plena consciencialização. Relativamente a esta terceira dimensão – a da reposição da justiça – a primeira constatação do facto que conheço, deve-se a Anaximandro, no séc. VI a.C. quando diz que «as coisas pagam umas às outras a sua mútua injustiça». No entanto, só há cerca de dez anos (que eu saiba) alguém tenta explicar esta constatação: o Dr. Coimbra de Matos no seu artigo «**A necessidade de retaliação**».

Mas é aqui, na visita ao sótão, que frequentemente se encontram formas peculiares de busca que têm a ver com os traços característicos de cada um, mas que também têm a ver, em minha opinião, com a situação específica na fratria e com fantasmas que lhe são próprios.

E assim chegamos a uma quadra chave que poderia rezar mais ou menos assim:

Tanto canto este fado  
De tema tão caceteiro,  
Que até já tenho pensado  
Que é por ter sido o primeiro.

Sim! O primeiro a levar com o cacete e, portanto, a ter de aprender sozinho a defender-se das cacetadas. Mas, enquanto aprende e não aprende, há marcas que ficam... Na cabeça, claro!...

Se em todos os casais tenho verificado existir uma ansiedade grande perante a espera de um filho, quando se trata de uma primeira gravidez, essa ansiedade adquire uma tonalidade muito específica.

Começa logo porque, na maior parte dos casos, devido ao uso de anti-concepcionais e ao seu efeito prolongado, as senhoras não engravidam rapidamente depois de decidirem ter um filho, o que lhes desperta a fantasia de que não podem ter filhos e tem como consequência uma forte ansiedade. A esta ansiedade junta-se frequentemente uma certa culpabilidade relacionada com o sexo e as práticas anti-concepcionais, como se a esterilidade hipotética constituísse um castigo para as práticas sexuais, até aí realizadas na semi-clandestinidade (o que é diferente da privacidade).

A estes factores agravantes, acrescem os medos comuns a todas as gravidezes: Como será a criança? Será saudável? E inteligente? Como será o parto? Enfim, um bom lote de incógnitas que vão, geralmente, provocar no casal parental, mas também nos que o rodeiam mais intimamente, grandes sentimentos de ansiedade. E digo no casal porque no homem existem exactamente os mesmos receios e, quantas vezes, mais evidentemente manifestos do que nas mulheres.

É fácil reconhecer neste quadro a forte componente narcísica que lhe subjaz e que, frequentemente, dá ao nascimento do primeiro filho um marcado carácter de teste pessoal que é absolutamente imprescindível realizar com êxito.

Passada a gravidez, surge o momento do parto que, por ser o primeiro, é acompanhado de mais receios e foi preparado complicadamente, com imensos rituais, na sua maioria mágicos e propiciatórios, prevenindo todas as circunstâncias, até as mais absurdas.

Uma cliente minha previu mesmo a hipótese de não haver quartos disponíveis na maternidade e, portanto, de a porem a caminho de casa mal acabasse de nascer o bebé. Por isso, pensou mesmo em alugar um quarto num hotel perto da clínica – certamente para estar mais perto dos médicos e enfermeiras – já que morava longe.

Outra primípara que conheci tinha levado para a clínica, juntamente com o enxoval do bebé, umas latas de cerveja porque uma vizinha lhe teria dito que era bom beber cerveja a seguir ao parto para o leite vir mais forte.

Quando, por fim, o desejado «rebento» nasce, já passou uma verdadeira aventura digna de um cadete recruta da marinha norte-americana. Só que, coitado, ainda não sabe o que o espera...

Para além do que já pensaram dele, do que já

fantasiaram sobre ele, do que já planearam para ele – pensamentos, fantasias e planos que, de certo modo, já o foram afectando – vem agora a oportunidade de actuarem directamente sobre ele como ser autónomo e separado, mas contextualizado.

Agora é que ele vai sentir até onde vai a patologia dos pais! É ele o primeiro!... Vai ter de se haver com as esperanças exageradas que nele depositam, com as exigências de crescimento rápido e angustiadas que lhe fazem, com a responsabilidade de cumprir a grande missão de satisfazer narcisicamente os pais – quando não a família toda.

Afinal, é ele o primeiro! O que vai apanhar em cheio com a neurose dos pais. Se estes forem neuróticos... Se o forem, habitualmente satisfazem-se em descarregar no primeiro e os outros lá se vão escapando... Se são psicóticos, então é pior... Todos apanham pela mesma medida, transformando a família num quartel de «mariners» norte-americanos ou num manicómio em maior ou menor auto-gestão, o que é pouco mais ou menos a mesma coisa...

Mas consideremos apenas os primogénitos de uma família predominantemente neurótica, que já têm muito que enfrentar.

A esse «fiel depositário» dos fantasmas familiares são frequentemente exigidas coisas espantosas que acabam por se resumir a procurar que ele não seja o que é. Ele, o desejado, afinal era suposto que não fosse ele; era desejado como instrumento, reprodução ou factor de conservação e materialização de qualquer coisa que ele não sabe o que é.

E aí começa o *fado*... O bebé começa a tornar-se fadista... Começa em ré-menor, chorando e protestando, mas aos poucos vai encontrando maneira de fazer variações para outras tonalidades. No entanto, até fazer uma visita ao sótão, sozinho ou acompanhado instrumentalmente por um terapeuta, as tonalidades predominantes são do modo menor e, o que é pior, são muitas vezes entoadas com o grande prazer de quem já se habituou a elas e as domina com grande perícia.

– «Quando era pequena, diziam-me que era eu que tinha de dar o exemplo aos meus irmãos, que já era uma mulherzinha e que tinha de tomar conta deles e dar-lhes o exemplo.»

– «Com que idade é que se lembra disso?» – pergunto.

– «*Para aí com uns cinco anos. O meu irmão tinha três e a minha irmã um. Mas eu até compreendo. Era a mais velha, bem vê... A minha mãe, coitada, andava muito cansada e tinha muito trabalho em casa; o meu pai saía cedo todas as manhãs e só regressava à noite. Se fazíamos mais barulho, o meu pai às vezes zangava-se porque tinha passado o dia a trabalhar. Então pediam-me para eu ir entreter os putos...*»

– «Pobres paizinhos, coitados!... Não podiam ter filhos porque tinham uma vida muito cansativa e por isso primeiro arranjam uma “baby-sitter”...»

– «*Isso, em parte, é verdade. Mas também teve coisas muito boas. Se não fosse eu ter tido esses hábitos de disciplina, talvez não me tivesse licenciado aos 22 anos ou até estivesse como a minha irmã, que nunca fez nada... Teve uma adolescência de paródia, casou, tem um bom emprego, mas nunca fez nada nos estudos... E é muito inteligente, mas falta-lhe disciplina.*»

– «Quer você dizer que a sua irmã é uma mulher satisfeita com a vida, enquanto você teve uma infância com obrigações, não teve adolescência, não casou ainda como queria e é professora do secundário que era, segundo diz, a última profissão que queria ter...»

A minha cliente ficou em silêncio. Naturalmente... Estava a aprender a usar o *suspense* do fado, que o Rodrigo tão bem recuperou. E digo o *suspense* porque a respiração dela parou. Mas o fado não. Continuou, durante muito tempo ainda, a glosar as maravilhas da mãezinha, tão querida, tão cansada e desgraçadinha e do paizinho, tão trabalhador, diligente e interessado... Ainda que bem mais seco e distante, na sua opinião, apesar de tudo.

Aos poucos, no mesmo tom, o conteúdo vai mudando e o distante vai deixando de ser o pai, para começar a centrar-se mais na mãe. Por fim, também o tom muda e, passando a sol-maior, começa a encontrar rimas bem mais vicentinas relativas à mãe, que passou a ser apodada de... *a bruta*.

Enfim, a desgarrada fadista que me ia sendo contada continuou a desenrolar-se no quotidiano e, a certa altura, adquiriu um tom vincadamente ribatejano em que entravam touros, cavalos, toureiros e cavaleiros e até um namorado, que entretanto arranjou e que se aproveitava do seu masoquismo, passou a fazer parte de uma «gana-

daria» qualquer e ela arranjou outro mais cavaleiro.

Mas não se pense que estes problemas surgem apenas nas mulheres mais velhas. Estamos a falar de primogénitos e, quando se trata de varões, é raro não ficarem bem assinalados.

Efectivamente, é frequente o primogénito masculino ser solicitado para tarefas de grande responsabilidade desde muito cedo, ao mesmo tempo que é mostrado à família e aos amigos com orgulho: «Vejam o que ele é já capaz de fazer!...». No fundo, o que eles queriam dizer, embora não o façam por pudor (até porque é verdade) era: «Vejam o belo exemplar de animal que eu produzi e como o tenho domesticado bem!». A primeira parte desta última exclamação ouvi-a, «*ipsis verbis*», quando estava na tropa, da boca de um conhecido e despudorado coronel de cavalaria, na Escola Prática de Santarém. E tenho testemunhas...

Esta atitude de exigência dos pais que, numa primeira fase, pode levar à revolta, habitualmente conduz, numa segunda fase, à submissão por incapacidade de manter a primeira. Por outro lado, as manifestações ambíguas de orgulho dos pais, levam o filho a pensar que estão orgulhosos dele, ainda que não perceba muito bem porque o tratam com tanta rudeza e até rusticidade. Por incapacidade física, económica e social, o filho vai-se assim submetendo e, porque não consegue sentir que é suficientemente amado, vai procurar ser admirado.

É frequente os irmãos mais velhos dedicarem-se a desportos radicais ou terem práticas arriscadas – às vezes quase suicidas – como forma de ser admirados e/ou como teste para si próprios. Sentem-se inseguros perante as exigências demasiadas que lhes fazem e necessitam confirmação da sua imagem.

Um primogénito contava que, aos 12 anos, era enviado a depositar grandes somas em dinheiro, da ordem de centenas de milhares de escudos, a uma povoação situada a alguns quilómetros de distância, tendo de atravessar locais ermos onde raramente passava alguém.

Outro, falava-me de como aos 10 anos tinha sido obrigado a ir à farmácia comprar um remédio imprescindível para o pai, que tinha acabado de ser vítima de um AVC, tendo-lhe sido dito que o pai estava à morte e que dele dependia a sua sobrevivência. No entanto, havia emprega-

das e outros adultos em casa... Mais tarde praticava montanhismo, espeleologia, exploração submarina... Embora tivesse muito medo disso.

Outro ainda, referia-me como foi o responsável pelos irmãos mais novos, entre os 12 e os 25 anos, porque os pais tinham emigrado.

Outra, enfim, era a confidente desde tenra idade das infelicidades da mãe, com cujo pai alcoólico não se entendia.

No entanto, isto são apenas exemplos retirados das vidas destes primogénitos. Todos tinham também no seu activo práticas arriscadas ou de tipo suicida.

Não é por ter ido buscar um remédio ao pai que um primogénito fica marcado. Esse é apenas um exemplo, entre outros, do que lhe era exigido e que podia ir até, aos 5 anos, ser obrigado a distinguir à frente dos amigos do pai entre um adjectivo e um substantivo e, se o não conseguia, ser massacrado verdadeiramente perante a gargalhada geral.

Evidentemente que se vai desenvolvendo nestes filhos uma certa timidez e uma sensibilidade ao ridículo, difíceis de ultrapassar sem estratégias que visam iludir os sentimentos de desamor e insegurança.

Na realidade, a par de um super-eu extremamente exigente, constrói-se um ideal do Eu de tal modo inatingível que, como diz Coimbra de Matos, não permite nunca a satisfação, convertendo-se cada sucesso numa fonte de frustração, já que o ideal a atingir permanece longínquo e inacessível. Assim se vai estruturando uma personalidade com forte pendor fóbico e depressivo, em que a componente narcísica é bem vincada.

Até aqui, temos visto o irmão mais velho sobretudo na sua relação com os pais. No entanto, como resulta evidente, ser irmão mais velho implica ter irmãos mais novos. E aí também se manifestam, naturalmente, características relacionais dominantes que, pelo menos a meu ver, não são casuais.

Com efeito, é frequente os primogénitos sentirem-se isolados e incompreendidos também pelos irmãos que, por um lado, abusam deles; mas, por outro, os criticam por convencidos, autoritários, moralistas ou mesmo retrógrados. E até é verdade!... E até quase sempre são os primogénitos os responsáveis por essa imagem... Não só porque consentem, mas também porque, com ingenuidade, a transmitem.

Os pais exigem-lhes responsabilidades exageradas, investindo-os de um pseudo-poder que eles, ingenuamente, consideram real. No entanto, quando o tentam exercer são frequentemente desautorizados e criticados.

Por seu turno, os irmãos mais novos, a quem habitualmente já é exigido menos, não conseguem, como é natural, perceber a ansiedade e até alguma irritabilidade dos mais velhos.

Entre dois fogos, os primogénitos oscilam entre a demasiada cedência e a intransigência, desvalorizando-se muitas vezes e considerando-se inábeis no relacionamento pessoal.

Não raro estes primogénitos se desprendem da família com uma raiva contida e uma aparente independência, que esconde um certo congelamento de afectos e grandes sentimentos de culpabilidade.

Frequentemente, vão fazendo a sua vida com êxito, mas com extrema exigência de si próprios, sempre com receio de falhar como se estivessem à espera de um castigo pelo seu afastamento da família de origem. Na realidade, estes primogénitos, ao fazerem este afastamento, estão à procura de um espaço psíquico inviolável e por eles definido, já que, até aí, muitas vezes se sentiram sem espaço.

É precisamente a ambiguidade e a violência de se exigir a uma criança responsabilidades de adulto que gera esta situação: para umas coisas é responsável, tem deveres, deve dar exemplo; para outras, ainda é muito criança, não pode dar opinião, não se deve impor pela força. E isto à frente dos irmãos e no conjunto da família, o que o põe numa posição falsa de confusão e de auto-desvalorização.

Em alguns casos, naqueles em que os pais foram mais ambíguos, a tendência para a submissão mantém-se, ainda que com violentos, mas esporádicos, acessos de revolta. Uma revolta sem consequência, porque a necessidade de «agradar a gregos e a troianos» e o medo do ridículo e da rejeição ou do abandono lhe tolhe o passo. Noutros, em que o desamparo parental parece vir juntar-se à ambiguidade, a revolta processa-se e mantém-se, mas não virada para o objecto certo. Daí se prejudicarem tanto a si próprios, já que vão pondo as bombas, mas não se protegem dos estilhaços.

Em qualquer dos casos, fuga para trás ou para

a frente, é sempre o medo que lhes impede a revolução e lhes aumenta a depressão.

E é aqui que, mais uma vez, há os que procuram ajuda e querem encontrar uma saída; os que procuram ajuda, mas que, no fundo, não conseguem – por medo – encontrar a saída; e, por fim, há os desistentes que se entregam à depressão e já não acreditam na possibilidade de saída.

No entanto, o traço mais comum nos primogénitos é o de uma grande escrupulosidade proveniente de um super-eu cruel e sádico que lhes gera grandes sentimentos de ansiedade e culpabilidade, tendendo a sentir-se responsáveis por tudo e todos, mas também – por necessidade de sobrevivência psíquica – a curto-circuitar, por vezes, esse mesmo super-eu, fazendo passagens ao acto...

Qual o caminho que cada primogénito segue?... Isso é uma incógnita. Que *fado* vai fazendo?... Depende de uma série de circunstâncias, entre as quais se contam as vozes de outros «fadistas», frequentemente mais velhos, que com sentido de oportunidade, sensibilidade e mais experiência, ensinam gorjeios e *requebros* novos ou alternativas rítmicas.

Muitas vezes, a solução é procurar um «guitarrista-terapeuta» que o ajude a reencontrar a *veia* original, fazendo-o regredir no caminho efectuado e proporcionando-lhe recomeçar onde começou a ser deturpado.

Esse «guitarrista-terapeuta» tem, no entanto, de ser experiente e adestrado para, sem concessões na verdade do fado, permitir as tentativas, experiências e até alguns desvios necessários à descoberta do estilo próprio daquele que o procura.

Também penso, como Kohut no seu célebre artigo póstumo «Introspection, Empathy and the semi-circle of mental health» que os mitos não provam nem demonstram nada. Contudo, podem ilustrar – e o seu valor é só esse – o que se quer dizer. É neste sentido que, a propósito dos primogénitos, me lembrei da história bíblica de Esaú, irmão de Jacob e filho de Isaac.

Conta Moisés no Génesis, que Esaú e Jacob eram gémeos e que quando Esaú nasceu, Jacob o seguiu imediatamente e que vinha com uma mão a segurar o pé do primeiro.

À medida que vão crescendo, os dois irmãos vão-se diferenciando cada vez mais tanto física

como psicologicamente. Esaú é descrito como um indivíduo forte, muito peludo, aventureiro e bom caçador, amante da vida ao ar livre e era o preferido do pai. Jacob era pacato, de pele nua, dado aos trabalhos da lida da casa, à culinária e era o preferido a mãe. Certo dia, tendo chegado da caça muito fatigado e faminto, Esaú viu que Jacob tinha feito um guisado de carne e pediu-lhe que lhe desse de comer. Jacob aceitou com a condição de que o irmão prescindisse em seu favor do direito de primogenitura.

Esaú aquiesceu.

Passado algum tempo Isaac, que cegara e estava prestes a morrer, chamou Esaú para o ungir como primogénito. Esaú, porém, tinha ido para a caça e a mãe aproveitou, de acordo com Jacob, para enganar Isaac e fazer ungir o seu preferido.

Assim, calçou umas luvas de pele de cabrito a Jacob e mandou-o apresentar-se ao Pai que, desconfiado, lhe perguntou:

– És tu Esaú, meu filho?

Ao que Jacob respondeu:

– Sim, sou eu...

Isaac, mais desconfiado ainda:

– Então dá-me as tuas mãos, para que te reconheça.

Após as cheirar e apalpar, disse:

– A voz é de Jacob, mas as mãos são de Esaú.

E assim o ungiu como primogénito, constituindo-o como chefe do clã.

Quando Esaú chegou da caça e soube do sucedido, ficou muito enraivecido e ameaçou Jacob de que havia de o matar.

Novamente a mãe, para proteger o preferido, manda-o para casa de uns parentes distantes, enquanto Esaú sai de casa e se vai embora para esquecer a sua raiva, nunca mais voltando a Canaã.

Esta história bíblica descreve fenomenologicamente com bastante rigor o trajecto do primogénito.

Logo à nascença, Esaú traz o irmão pendurado nele e é ele que lhe vai facilitando também o nascimento. É ele, Esaú, que vai sustentando a família e se vai responsabilizando por ela, indo à caça, vivendo incomodamente pelos montes, garantindo a sobrevivência da família em vez do pai que está velho.

É, pois, natural que, perante a fome e o cansaço, ceda bem um direito de primogenitura que lhe é penoso e que até aí só lhe tem trazido inco-

modidades e responsabilidades, em troca de um prato de guisado.

Quantos primogénitos adolescentes não ouvimos nós queixar-se ainda hoje, do azar que tiveram de ter nascido primeiro?...

Então como se pode compreender que Esaú tenha ficado tão revoltado com Jacob por se ter feito passar por primogénito?

Aí, tudo o que era guardado em segredo no íntimo de Esaú, vem à tona. Surge o sentimento de ter sido desamado pela mãe, mal amado pelo pai que o sobrecarregou, traído perversamente pelo irmão e pela mãe a quem sustentou. Sobretudo, este sentimento de ser traído vai actualizar um outro anterior que é de lhe terem conferido responsabilidades sem lhe reconhecerem os respectivos direitos. Tudo isto lhe provoca uma raiva cega, certamente também virada contra si próprio, pela sua ingenuidade. Raiva contra o irmão perverso e traidor, mas também raiva narcísica contra si próprio, agravando-lhe a desvalorização da sua auto-imagem.

Contudo, treinado como foi no masoquismo por uma educação enganadora e pela falsidade das aparências discursivas parentais, embora ameace de morte o irmão, acaba por, mais uma vez, conter a agressividade e os afectos. Afasta-se, deixando ressentidamente a família para trás e indo construir a sua vida numa terra distante. Distante, entenda-se, aparentemente distante. Matando os afectos ou escondendo-os no seu íntimo, numa aparente frieza e desligamento do passado. Aliás, a história termina, dizendo que Esaú se afastou para um país distante onde foi muito rico e deu origem a um novo povo, nunca

mais voltando a Canaã. Distante geograficamente, mas com a raiva e a mágoa bem presentes, conscientemente ou não, dentro de si.

Foi o caminho que Esaú encontrou para lidar com os seus afectos e o seu passado de primogénito. Solução neurótica que, por acaso, deu certo.

De facto, ainda seriam necessários uns milénios, para que Freud, judeu também descendente de Isaac, encontrasse um processo que melhor ajudasse a resolver os problemas de Esaú.

Certamente com uma visita ao seu sótão de Canaã...

#### RESUMO

Utilizando analogias entre o «fado-destino» e o «fado-canção», o autor aborda a situação dos primogénitos, tentando descrever alguns problemas típicos destes casos. Ilustra, por fim, a sua comunicação com o mito bíblico de Esaú.

*Palavras-chave:* Primogénito, responsabilização (excessiva), projecção-introjecção, identificações.

#### ABSTRACT

Using analogies between «fado-fate» and «fado-song», the author makes an approach to first sons' situation, trying to describe some typical problems of these cases. Finally, he illustrates the relation to biblical myth of Esaú.

*Key words:* Oldest son, responsibility (excessive), projection-introjection, identifications.